Ouvidas eſtas palavras, o Rei de Armas Portugal diſſe em voz alta:

Ouvide, ouvide, ouvide, eſtai attento.

Immediatamente o Conde de S. Lourenço, Alferes mór do Reino, com a Bandeira Real deſenrolada, diſſe no lugar onde eſtava em voz alta:

Real, Real, Real, pela Muito Alta, Muito Poderoſa, a Fideliſſima Senhora Rainha Dona Maria Primeira Noſſa Senhora.

Eſtas meſmas palavras repetírão logo os Reis de Armas, Arautos, e Paſſavantes, ajudados das Peſſoas, que eſtavão na dita Varanda, a que ſe ſeguírão os inſtrumentos dos Miniſtres, Timbales, Clarins, Charamelas, e Trombetas.

Feito eſte primeiro Auto de Acclamação, logo o Conde de S. Lourenço, Alferes mór, fazendo reverencia a Suas Mageſtades, deſceo do lugar, onde eſtava com a Bandeira Real, acompanhado dos Reis de Armas, Arautos, e Paſſavantes, Porteiros da Maça, e da Cana, que lhe precedião, e ſe encaminhou jun-

to á columnata para o meio da Varanda, ſubio ao portico, e balcão, que dominava ſobre a Praça, elevado ſobre tres degráos, para dallí acclamar a Sua Mageſtade com a Bandeira Real na mão direita; e junto com elle o Rei de Armas Portugal, ambos virados para o Povo, diſſe o dito Rei de Armas Portugal outra vez:

Ouvide, ouvide, ouvide, eſtai attento.

E logo o Conde de S. Lourenço, Alferes mór, levantando a voz, quanto lhe foi poſſivel, diſſe:

Real, Real, Real, pela Muito Alta, Muito Poderoſa, a Fideliſſima Senhora Rainha Dona Maria Primeira Noſſa Senhora.

E repetindo o meſmo os Reis de Armas, Arautos, e Paſſavantes, ajudados de todas as peſſoas, que eſtavão na Varanda, tocárão os Miniſtres. O innumeravel Povo, que occupava a Praça do Commercio, e que eſperava já com impaciencia eſte feliz annúncio, rompeo em altos vivas, e outras muito ſignificantes expreſsões de alvoroço, amor, e alegria,

fa-

fazendo bem viſivel a fidelidade de ſeus leaes corações no extremoſo affecto, com que acclamavão a Sua Mageſtade por ſua Rainha, e Senhora deſtes Reinos, e ſeus Dominios; ouvindo-ſe ao meſmo tempo ao ſinal dos foguetes repicar os ſinos das Sés, e das mais Igrejas, e retumbar as eſtrondoſas ſalvas Reaes do Caſtello de S. Jorge, Torres, e Fortalezas da Barra, a quem correſpondião neſte mageſtoſo applauſo as Náos de Guerra, e Navios Mercantes com igual eſtrondo, ſem por iſſo ceſſar o éco dos vivas, que feria com tal força os ares, que bem ſe deixava perceber entre a plauſivel confuſão das ſalvas, e dos repiques.

Com a referida ſolemnidade ſe fez eſte Auto da Real Acclamação, no fim do qual o Conde de S. Lourenço, Alferes mór do Reino, tornou com o meſmo acompanhamento, e tomou o ſeu lugar junto do Regio Throno; e então o Rei de Armas Portugal diſſe as ſeguintes palavras:

A Rainha Noſſa Senhora manda que ſómente a acompanhem as peſſoas que vierão com ella.

Logo Suas Mageſtades ſe levantárão; e

ſuſ-

ſuſtendo a Rainha Noſſa Senhora a Real Inſignia do Sceptro na Mão direita, deſceo com ElRei Noſſo Senhor do Regio Throno, e com o meſmo acompanhamento dos Grandes, e Titulos da Corte Secular, e Eccleſiaſtica, tornando pela Varanda junto á columnata, como tinha vindo, ſe forão encaminhando com paſſos graves, e mageſtoſos. Neſte tranſito ſe voltou com ElRei Noſſo Senhor por tres vezes para o Povo, que ancioſo ſuſpirava ver da Praça do Commercio a ſual Real, e Gentiliſſima preſença; e no meſmo acto, em que todos admiravão a ſua Real formoſura, exclamárão: *Viva*, *viva*, *viva* a Noſſa Rainha: *viva* o Noſſo Rei, *viva*, *viva*.

Eſtes júbilos, e affectuoſas correſpondencias de tão multiplicados, e extraordinarios vivas, penetravão com tal força os corações dos ouvintes, que todos vendo tão inexplicaveis demonſtrações de alegria, e contentamento, ſe conſideravão abſortos em prazer.

Suas Mageſtades ouvindo eſtes Regios applauſos, e juntamente as ſonatas dos referidos Miniſtres, Timbales, e Clarins, continuárão até o fim da Varanda, ſeguindo-ſe depois da Rainha Noſſa Senhora o cortejo das Damas; e com a melhor ordem ſubírão pela meſma eſcada por onde tinhão deſcido, e aſ-

ſim

ſim entrárão nas Regias ſalas do Paço ; e atraveſſando a do Docel, ſe encaminhárão para a nova Real Capella para renderem a Deos as graças ; e neſta paſſagem ſe incorporárão com Suas Mageſtades a Sereniſſima Princeza, e Reaes Infantas, que ſeguírão a Rainha Noſſa Senhora com a ſua comitiva. No meſmo tempo a Fideliſſima Rainha Mãi Noſſa Senhora veio da Tribuna da Varanda para outra, que ſe lhe preparou na meſma Capella, onde occultamente preſenciou como Suas Mageſtades forão recebidos, e todo o ſolemne acto de Acção de Graças.

Tinhão os Meſtres das Ceremonias Antonio da Silva e Faria, e João Jorge Loureiro, prevenido, para que não ſuccedeſſe demora, nem embaraço neſta devotiſſima, e religioſa acção, que os Principaes, e Monſenhores, que havião figurar neſte acto, depois de preſtarem os ſeus Juramentos de homenagem, ſe anticipaſſem a ſahir da Varanda para nas ſuas accommodações, que para eſte effeito tinhão na meſma Capella, tomarem as Veſtes, com que havião de miniſtrar na meſma função.

E ſegundo eſta ordem, e prevenção, tanto que foi tempo conveniente, o Principal Deão ſahio da Sacriſtia paramentado de Pon-

ti-

tifical , elevando-lhe as pontas do Pluvial os dous Conegos aſſiſtentes, precedendo-lhes os Acolythos Buſulantes, entrou na Capella pela porta do lado da Epiſtola; e chegando entre os dous Miniſtros diante dos degráos do Altar, depoſta pelo Diacono a Mitra, reverenciárão a Sagrada Reliquia do ſanto Lenho. E logo do meſmo Aſſiſtente recebeo a Cruz com a dita Reliquia expoſta ſobre o Throneto, aſſiſtindo-lhe no Presbyterio doze Beneficiados da Baſilica Patriarcal com tochas acceſas.

Então ſe ordenou a Prociſsão, levando a Cruz Patriarcal entre dous caſtiçaes, tres Acolythos Buſulantes, ſeguindo-ſe o Collegio dos Principaes, e logo os ſobreditos Beneficiados, e depois o Principal Deão com a Reliquia entre dous Aſſiſtentes; e da parte de fóra dos cancellos ſe metteo de baixo do Pallio, em cujas varas pegárão oito Monſenhores paramentados de Pluviaes brancos.

Á porta da Capella ſe diſpozerão, ſituando-ſe a Cruz Prociſſional fóra dos cancellos, e os mais dignos proximos ao Principal Deão, formando, ſem alteração de precedencia, duas alas nos ſeus proprios lugares diante do panno de veludo, ſobre o qual o Conde Repoſteiro mór accommodou as duas almofadas, e

no

no lugar mais proximo a ellas, eſperou o Principal Deão a Suas Mageſtades, que aſſim que chegárão, ajoelhárão ſobre as almofadas, e lhes deo a beijar a ſanta Reliquia: fazendo-lhes depois inclinação profunda, a entregou ao primeiro Aſſiſtente, e do ſegundo recebeo o Aſperſorio, com que lançou ſucceſſivamente agoa benta á Rainha Noſſa Senhora, a ElRei Noſſo Senhor, aos Sereniſſimos Senhores Principe, Princeza, e Infantas com as devidas reverencias.

O Principal Deão tornando a receber a ſagrada Reliquia da mão do Diacono, ſe metteo de baixo do Pallio; e encaminhando-ſe a Prociſsão para o Altar mór, principiárão os Muſicos no ſeu Coreto o Hymno *Te Deum laudamus*, que proſeguírão acompanhados de muitos, e deſtriſſimos inſtrumentos, governando a cantoria, de que era Compoſitor, o inſigne Profeſſor David Peres, Meſtre de Suas Mageſtades.

Entrando a Prociſsão na quadratura, os Principaes ſubírão para os ſeus lugares; a Prelatura ſe accommodou junto aos ſeus aſſentos, e os doze Beneficiados com as tochas acceſas nos lados do Presbyterio. Os oito Monſenhores, que pegárão nas varas do Pallio, deixando-as aos maceiros junto dos cancellos, de-

pondo na Sacriſtia os Pluviaes, tornárão para os bancos da quadratura.

Suas Mageſtades acompanhárão a ſagrada Reliquia atrás do Pallio, indo diante da parte eſquerda o Conde Alferes mór com o Eſtandarte Real, depois o Senhor Infante Dom João, e o Sereniſſimo Senhor Principe do Brazil; ſeguia-ſe a Rainha Noſſa Senhora com ElRei Noſſo Senhor, e depois a Sereniſſima Princeza, e Infantas com os ſeus Veadores, e cortejo das Damas, que todas ſe accommodárão no pavimento da quadratura.

Subindo ao Presbyterio com os ſeus aſſiſtentes, o Principal Deão no lado da Epiſtola entregou a Cruz do Santo Lenho ao Diacono, que a foi collocar expoſta no meio do Altar, e ſe retirou para o ſeu lugar, ficando todos no plano voltados para o lado do Evangelho.

A Rainha Noſſa Senhora, e ElRei Noſſo Senhor ajoelhárão ſobre o genuflexorio poſto no plano do Presbyterio diante dos degráos do Altar; ao ſeu lado direito as Sereniſſimas Senhoras Princeza, e Infanta Dona Maria Anna; ao lado eſquerdo ajoelhou o Sereniſſimo Principe, ſeguindo-ſe depois a Senhora Infanta Dona Marianna Victoria: com eſta precedencia eſtiverão em quanto ſe cantou o

Te Deum laudamus , e ſe deo a Benção com a ſagrada Reliquia ; e o Senhor Infante Dom João com o eſtoque levantado junto do angulo dos degráos lateraes da parte do Evangelho , aſſiſtindo-lhe o ſeu Camariſta , ſeguindo-ſe ao ſeu lado eſquerdo mais proximo ao Altar , o Conde Alferes mór do Reino com o Eſtandarte Real.

Os Muſicos proſeguírão o Canto do Hymno ; e quando cantárão o Verſo *Te ergo quæſumus* , ajoelhou o Principal Deão entre os ſeus Miniſtros no infimo degráo lateral da parte da Epiſtola , e quantos ſe achavão no corpo da Capella : levantando-ſe no fim do dito Verſo o dito Principal , ſubio ao terceiro degráo da meſma parte entre os dous Aſſiſtentes voltado para o lado do Evangelho , no fim do Hymno cantou o Verſo *Firmetur manus tua* , e Oração *Deus , qui victricis Moyſis manus in oratione firmaſti* , pelo livro poſto ſobre a eſtante de prata ſobredourada.

Cantado eſte Verſo , e Oração , o meſmo Deão reverenciando a Suas Mageſtades , chegou ao meio do Altar ; e feita a inclinação á ſanta Reliquia , com a Cruz deo a triplicada Benção Pontifical : então o Senhor Infante , Condeſtavel , abateo o eſtoque ; o meſmo

praticou o Conde Alferes mór abatendo a Bandeira Real.

E repoſta no Throneto a Cruz do Santo Lenho, feitas as devidas reverencias, deſceo com os ſeus Aſſiſtentes o dito Deão, e no plano da parte da Epiſtola ſaudou deſcoberto a Suas Mageſtades, e eſtas ſe apartárão com o meſmo acompanhamento, a quem ſeguião os Principaes em capa, e a Prelatura nos ſeus lugares; e deſte modo forão para a ſala do Docel, rompendo o ſilencio, e recreando os aſſiſtentes huma harmonioſa, e deſtriſſima Sonata compoſta pelo meſmo Meſtre David Peres.

Chegando á ſala do Docel ſe repartio todo o acompanhamento em duas fileiras, que com profundas humiliações, e as mais ſenſiveis expreſsões de alegria, fidelidade, e reſpeito, cortejárão na paſſagem a Suas Mageſtades, que ſe recolhêrão a ſeus camarins. O meſmo fez a Rainha Mãi Noſſa Senhora, retirando-ſe da Tribuna por outra paſſagem differente, ſendo neſte tempo ſete horas e cincoenta minutos da tarde, quando ſe finalizou eſta acção com o dia mais fauſto, e mais glorioſo da noſſa idade.

Ao qual Auto, Juramentos, preitos, homenagens, e ceremonias delles, fui preſente

eu

eu Antonio Pedro Vergollino, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Eſcrivão da ſua Camara, e ſeu Notario Público, por eſpecial Alvará da dita Senhora, que vai trasladado no fim deſte Inſtrumento; e faço fé, que paſſou tudo aſſim bem, e verdadeiramente ſem falta alguma, ſendo preſentes os Grandes, Titulos Seculares, e Eccleſiaſticos, Fidalgos, e outras Peſſoas da Nobreza, que fizerão o dito Juramento, e outra muita gente, aſſim Nobre, como do Povo, que eſtavão na Praça do Commercio, como fica dito.

Sendo tudo aſſim feito, findo, e acabado, ordenou Sua Mageſtade, que de tudo déſſe minha fé como ſeu Notario Público, e fizeſſe diſſo Auto, e Inſtrumento, e que lho déſſe authentico para perpétua firmeza do dito Auto, e conſtar a todo o tempo a ſubſtancia delle, ficando o original, depois de publicado, e impreſſo, na Torre do Tombo para ſe lançar, e regiſtar nos livros deſte feliz Reinado, que ſe coſtumão guardar, e conſervar no dito Real Arquivo, na fórma, que ſempre ſe obſervou, com grande utilidade da Coroa, e Vaſſallos deſtes Reinos. Teſtemunhas, que a tudo forão preſentes o Eminentiſſimo D. Fernando de Souſa e Silva, Vigario Capitular, e Patriarca Eleito de Liſ-

boa,

boa, e Capellão mór de Sua Mageſtade, hoje Cardeal Patriarca; o Biſpo de Penafiel Dom Fr. Ignacio de S. Caetano, Confeſſor de Sua Mageſtade, e hoje Arcebiſpo de Theſſalonica; D. Lourenço de Lancaſtro, Biſpo da Cidade de Elvas; o Principal D. Thomás de Almeida, Deão da Santa Igreja de Lisboa; Dom Pedro de Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Souſa, Marquez de Angeja; D. Pedro Joſé de Menezes Coutinho, Marquez de Marialva, Eſtribeiro mór de Sua Mageſtade; Joſé Antonio de Souſa Saldanha Menezes e Caſtro, Conde da Ponte, Mordomo mór de ElRei Noſſo Senhor; D. Pedro da Camara, Eſtribeiro mór do meſmo Senhor, e outras muitas Peſſoas, que ſe achárão preſentes, e ficão nomeadas.

E eu Antonio Pedro Vergollino, Notario Público por Authoridade de Sua Mageſtade para as couſas do ſeu ſerviço, e em eſpecial para eſte Auto, fiz eſte Inſtrumento, no qual com as ditas Teſtemunhas aſſignei de meu final raſo, e coſtumado; e declaro que ſuppoſto nos lugares, que tiverão as Peſſoas referidas neſte Auto, houveſſe alguma differença, ao que fica referido, no declarar a ordem dos ditos lugares, e ceremonial, ſeguí o que Sua Mageſtade havia mandado dar

pe-

pelo Viſconde Secretario de Eſtado, ſendo certo que o animo de todos foi obſervallo pontualmente, e era indiſpenſavel haver alguma pequena alteração pelo grande concurſo, e alvoroço, que dominava os corações de todos. E outro ſim, pelo que reſpeita a muitas acções que precedêrão, e fizerão mais plauſivel eſte fauſtiſſimo dia da Real Acclamação, como não pertencem ſubſtancialmente a eſte Auto de Juramento, de que dei minha fé, o declarei de baixo do credito de todas as Peſſoas de caracter, probidade, e verdade, que a ellas aſſiſtírão, e as preſenciárão, e me derão a mais exacta relação.

O Alvará, por que Sua Mageſtade me fez ſeu Notario Público, he o ſeguinte.

EU A RAINHA faço ſaber aos que eſte Alvará virem, que Eu hei por bem, e me praz de fazer Notario Público em Minha Corte, e neſtes Reinos, e Senhorios de Portugal, para as couſas de Meu ſerviço, que ſe offerecerem, a Antonio Pedro Vergollino, Fidalgo da Minha Caſa, e Meu Eſcrivão da Camara na Meſa do Deſembargo do Paço; e em eſpecial o faço Notario Público para o Auto de Levantamento, e Juramento,

que

que os Eſtados deſtes Reinos me hão de fazer na Coroa delles, e ſeus Senhorios: E Mando, que ao dito Auto de Levantamento, e Juramento, e aos Inſtrumentos que delle paſſar, e aos mais que por Meu ſerviço fizer, ſe dê tão inteira fé, e credito, como por Direito ſe deve dar ás Eſcrituras feitas por Notarios Públicos. O que o ſobredito Antonio Pedro Vergollino fará de baixo do juramento que tem do ſeu Officio. E quero que eſte valha, tenha força, e vigor, como ſe foſſe Carta começada em meu Nome, paſſada péla minha Chancellaria, e ſellada do meu ſello pendente: e valerá outro ſim, poſto que por ella não haja de paſſar, ſem embargo da Ordenação em contrario. Dado no Palacio de Noſſa Senhora da Ajuda em 9 de Maio de 1777.

RAINHA.

Viſconde de Villa Nova da Cerveira.

ALvará, pelo qual V. Mageſtade ha por bem nomear por Notario Público em ſua Corte, e neſtes Reinos, e Senhorios de Portugal,

gal , eſpecialmente para o Auto do Levantamento , e Juramento , que os Eſtados delles lhe hão de fazer , a Antonio Pedro Vergollino , Fidalgo da ſua Real Caſa , e ſeu Eſcrivão da Camara na Meſa do Deſembargo do Paço , na fórma que acima ſe declara.

Para Voſſa Mageſtade ver.

João Chryſoſtomo de Faria e Souſa de Vaſconcellos de Sá o fez.

Foi regiſtado na Secretaria de Eſtado dos Negocios do Reino a folh. 130. do Livro V. das Cartas , Alvarás , e Patentes. Noſſa Senhora da Ajuda , 12 de Maio de 1777.

Joſé Baſilio da Gama.

O qual Inſtrumento vai eſcrito em vinte e ſete meias folhas de papel com eſta, todas de huma letra, e aſſignado por mim Notario com as teſtemunhas já nomeadas.

Antonio Pedro Vergollino.

D. Fernando da Silva Cardeal Patriarca de Lisboa.

D. Pedro de Menezes. Marquez, Eſtribeiro mór.

D. Fr. Ignacio de São Caetano, Confeſſor de Sua Mageſtade, e já Arcebiſpo de Theſſalonica.

Marquez de Angeja.

D. Lourenço de Lancaſtro, Biſpo de Elvas.

Joſé Antonio de Souſa e Saldanha, Conde Mordomo mór.

D. Thomás de Almeida, Deão da Santa Igreja de Lisboa.

D. Pedro da Camara.

Vejase af. 29. §. 2.
Folh. 52. §. 1.

A maxima, q̃ nos ensinaõ as sagradas Escripturas =: Non est potestas nisi a Deo = (a), naõ se caza com a lembrança de Julia a Cezar = si libet, licet = (b). Sendo D.s o Author, a fonte unica de toda a soberania porque todo o poder he de D.s e delle vem, ou mais claram.te só D.s he o poder, os homens na ordem moral só saõ os instrumentos deste poder, ou desta soberania. Se pois como optimam.te disse Cicero (c) = Nec enim, quod quisque potest, id ei licet, nec si non obstatur, statim permittitur =, como se hade dar por aquella omnipotencia, q̃ naõ reconhece freio, e aniquila a fonte de verd.e poder, e authoridade de D.s creador do homem, e da ordem geral que existe? Naõ há, naõ certam.te, digno de ouvir-se o pregaõ, que já infelism.te se repetio entre nós, dizendo que havia hum principio chamado = omnipotencia parlamentar =, que nada menos expressa que o despotismo desse nome, ou a anarchia desta assemblea, e o transtorno da razaõ, aquel deve ser o farol para conhecer aquelle poder, e p.a o adorar, seguir e respeitar —

(a) Apost. Paul. Ep. ad Rom. Cap. 13
(b) Spartian. in vit. Caracall. Cap. 1.
(c) — Cic. Filipp. 13

Sa
Gu
Es
Ta
N.

AUTO
EJUR
DE D
MARI

Sala e
Gab. 1
Est. 9
Tab. 1
N.º